

# O Senhor das Horas de Colatina

Relojoeiro não deixa colatinense perder a hora. Há 25 anos, Zilton Lopes acerta os ponteiros do relógio da Catedral de Colatina

Nilo Tardin  
COLATINA

Do alto da torre da Catedral de Colatina um imponente relógio de quatro faces há mais de meio século bate as horas e serve de guia a pessoas que circulam pelo agitado centro comercial da maior cidade do Noroeste capixaba.

Acostumado a conferir o tempo pelo mostrador em algarismos romanos do relógio da igreja, o colatinense nem imagina que o Senhor das Horas é o relojoeiro Zilton Lopes, 62 anos, que dita o ritmo da cidade sem cobrar nada pela tarefa há 25 anos.

“Se atrasar quatro minutos Colatina reclama”, diz Zilton, bem-humorado, convicto de que tem nas mãos o poder de não deixar a população errar a hora.

A pura dedicação não adianta. É preciso esforço para subir 158 degraus apertados até o pico da tor-

“A poeira acumula devido ao trânsito intenso do Centro. É preciso lubrificar bem para que a máquina não sofra desgaste”

Zilton Lopes, relojoeiro



JOSÉ WAGNER E EDÉSIO: irmãos seguem ofício do pai, Hermínio Caetano

## Quatro irmãos relojoeiros

Zilton Lopes herdou o ofício de relojoeiro do pai, Hermínio Caetano, que já morreu. O mesmo caminho foi trilhado por outros três dos seis irmãos: o mestre dos carrilhões José Wagner, Edésio e Zelito.

Os quatro irmãos, segundo Zilton, são movidos pela fé. A devoção à Igreja Católica foi ensinada de berço pela mãe Angelina Lopes, que completa 101 anos em maio.

José Wagner é o único capixaba capaz de fabricar peças originais de relógios antigos na oficina que mantém em Colatina. Relíquias da relojoaria mundial são restauradas por ele, que restaura peças raríssimas de até 235 anos.



ZILTON LOPES mostra as engrenagens do relógio: relojoeiro herdou função do sacristão Américo Zanotelli

re-relógio de cerca de 52m, em geral debaixo do calor sufocante que predomina na região.

Lá em cima, o Senhor das Horas mexe nas engrenagens, unta de graxa as hastes gigantes dos ponteiros, faz ajustes e regula a hora pelo seu relógio do celular.

“A poeira acumula muito devido ao trânsito intenso do Centro. É preciso lubrificar bem para que a máquina não sofra desgaste”, afirma Zilton mostrando como as peças se encaixam para fazer soar o sino a cada meia hora.

As badaladas são referência para a cidade desde julho de 1960, quando a máquina importada da Alemanha pelo padre Geraldo Meyers e os três sinos fundidos em São Paulo foram erguidos por meio de cordas na torre em obras.

“Algo não deu certo. O carrilhão não funciona até hoje e a percussão é feita apenas no sino grande”, contou Zilton, sexto filho de uma família de sete irmãos, em que quatro deles são relojoeiros.

Toda semana, Zilton sobe a torre para acertar os ponteiros do reló-

gio – que pode ser visto de pontos diferentes da cidade – e verificar o sistema de contrapeso usado para dar corda e que é puxado a motor.

Sem um sucessor que assimile os conhecimentos de manutenção e mecânica, o futuro do relógio que ajudou a marcar minuto a minuto parte da história recente de Colatina preocupa o relojoeiro.

Mas Zilton – que herdou a função do sacristão Américo Zanotelli, já falecido – acredita que “um dia o aprendiz aparecerá e fará o serviço de coração”.

## Relógio dita ritmo da cidade

A Catedral de Colatina começou a ser construída em 1952, mas o relógio e o sino se tornaram referência na cidade a partir de 1960, quando a torre sineira e o relógio marcavam o ritmo das orações, dos casamentos, dos nascimentos

e das mortes, conforme a tradição da época.

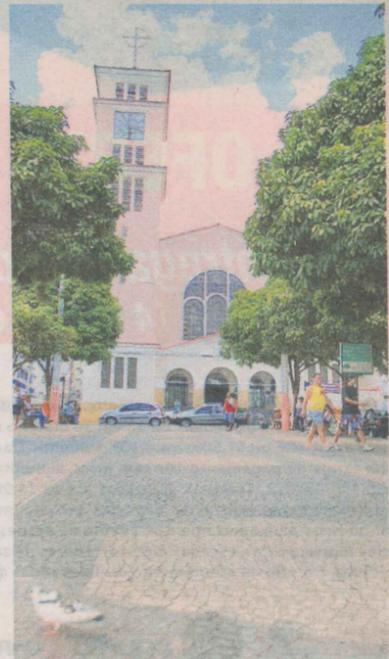
Os tempos mudaram. Mesmo assim, o relógio manda seu recado de longe. Para se ter uma ideia, os bancos da região só abrem as portas depois das badaladas das 11 horas e as lojas só fecham as portas às 17h30, também ao som do sino.

O bispo da Diocese de Colatina, Dom Décio Zandonade, destaca que as igrejas ocupam posições estratégicas na cidade exatamente para avisar da presença de Deus e, nas ordens religiosas, o relógio controlava os momentos de orações do raiar do dia ao fim da noite.

“Claro que a modernidade modificou o comportamento da sociedade, mas o relógio da igreja continua a sinalizar o ritmo da cidade tanto no trabalho quanto na extensão da fé cristã”, observou.

A Diocese de Colatina foi criada em abril de 1990 pelo papa João Paulo II e abrange 17 municípios do Norte capixaba.

Católico praticante, o prefeito de Colatina, Leonardo Deptulski, disse que é curioso notar como o relógio da Catedral se destaca na cidade e como é possível ver as horas de vários pontos da região.



CATEDRAL: relógio é referência

### FALA, LEITOR!



MARLUCE TAVARES, dentista

“Do meu consultório avisto o relógio da Catedral. Embora tenha outros relógios, sempre me dirijo a ele para ver as horas”



UBIRAJARA DOUGLAS VIANNA, advogado

“Antes, eu chegava ao trabalho e, quando olhava pela janela, logo via o relógio. Hoje os prédios atrapalham a visibilidade”



EDECIR PERTEL, administrador

“Aquele relógio marcou minha vida. Eu esperava o relógio da igreja bater 7 horas para entrar no serviço”



VERUSKA MUNIZ LOCATELLI, publicitária

“Lembro da minha infância. Quando o sino batia 18 horas tinha que ir para casa senão levava bronca da mãe”

### ANÁLISE

Francisco  
Hermes Lopes,  
engenheiro e urbanista



### “São patrimônios culturais”

“Catedrais e relógios são patrimônios culturais pela maneira que servem a cidade. São referências na memória coletiva porque provocam a sensação de mover o tempo, além de serem verdadeiras obras de arte.

Do ponto de vista urbanístico acrescenta elementos importantes na paisagem ao regular o fluxo de ir e vir pelo conceito do urbanismo moderno que liga a cidade ao modo de habitar, trabalhar, circular e divertir.

O interessante é observar a evolução do relógio associado ao crescimento das cidades. Foi uma grande invenção do homem. Influi no ritmo da cidade, no ir e vir das pessoas, além de serem monumentos preservados pela importância.

Fazem parte da história o famoso Big Ben, em Londres, e o relógio da Central do Brasil, no Rio, que marcou momentos importantes da política nacional no fim da ditadura militar”.